

XENOFOBIA: O OLHAR DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL II AOS AFRICANOS RESIDENTES EM SÃO FRANCISCO DO CONDE¹

Anaildes Santana Santos²

Floriceília Rocha³

Jaqueline Barbosa da Silva⁴

Laecio dos Santos Guedes⁵

Roberto dos Reis Cruz⁶

RESUMO

Com a instalação do polo acadêmico da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, em São Francisco do Conde e com a expansão da urbanização, a localidade tornou-se um dos municípios baianos receptores de estudantes de países colonizados por Portugal, Angola, Nova Guiné, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe, sendo estes grupos de imigrantes alvos de muitos ataques de xenofobia. As relações socioculturais precisam ser ressignificadas quando existe práticas de xenofobismo em uma localidade. Enquanto agente transformador das relações sociais é necessário criar estratégias, projetos, práticas de ensino possível e que atendam a realidade local para combater e amenizar questões sociais como o xenofobismo. Partindo dessa premissa, objetiva-se com este artigo identificar, caracterizar e analisar as ações educacionais praticadas na escola, do Ensino Fundamental II, o Instituto Municipal LuisViana Neto, instituição escolar deste município, para amenização do xenofobismo praticado pelos estudantes. Acredita-se que este estudo é relevante na medida em que busca refletir e conscientizar as pessoas e estudantes sobre ações de xenofobismo, uma questão local e social através de práticas educativas simples, favorecendo e desmistificando práticas preconceituosas e afirmando o papel da educação e seu poder de colaborar para o desenvolvimento social e o fortalecimento cultural.

Palavras-chave: Estudantes africanos - São Francisco do Conde (BA). Estudantes do ensino fundamental - São Francisco do Conde (BA) - Atitudes. Unilab - Estudantes. Xenofobia - São Francisco do Conde (BA).

ABSTRACT

With the installation of the academic center of the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony-UNILAB, in São Francisco do Conde and with the expansion of urbanization, the locality became one of the Bahia municipalities receiving students from countries colonized by Portugal, Angola, New Guinea, Cape Verde, Mozambique and São Tomé and Príncipe, these groups of immigrants being targets of many attacks of xenophobia. Socio-cultural relations need to be re-signified when there is xenophobic practices in a locality. As a transformative agent of social relations it is necessary to create strategies, projects, teaching practices possible and that meet the local reality to combat and soften social issues such as xenophobia. Based on this premise, this article aims to identify, characterize and analyze the educational actions practiced in the school, Elementary School II, the Municipal Institute LuisViana Neto, school institution of this municipality, to alleviate the xenophobia practiced by students. It is believed that this study is relevant in that it seeks to reflect and make people and students aware of xenophobic actions, a local and social issue through simple educational practices, favoring and demystifying prejudiced practices and affirming the role of education and its power to contribute to social development and cultural empowerment.

Keywords: African students - São Francisco do Conde (BA). Elementary students - São Francisco do Conde (BA) - Attitudes. Unilab - Students. Xenophobia - São Francisco do Conde (BA).

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Aperfeiçoamento em Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar - UNIAFRO, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Pedro Acosta Leyva.

²⁻⁶ Estudantes do curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO: Políticas de Igualdade Racial no Ambiente Escolar, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

1 INTRODUÇÃO

O xenofobismo corresponde aversão de tudo que é novo (objetos e pessoas). No sentido social, a xenofobia tem seu uso difundido para designar formas de preconceitos racial, social, grupal, minorias nacionais ou culturais. A Prática da xenofobia acontecia principalmente em países desenvolvidos visto que a busca dos imigrantes por esses países era a de encontrar melhor qualidade de vida e prosperidade econômica. Todavia, com o aumento do fluxo migratório em países emergentes como o Brasil, conseqüentemente alavancou o preconceito e ações de xenofobismo no país, principalmente quando os imigrantes são oriundos do continente africano.

Diante dessa realidade em locais de atração de imigrantes já se tem a preocupação de combater algumas atitudes perversas, através de práticas sociais, educacionais e dos instrumentos para desmistificar e amenizar as relações sociais contra os estrangeiros.

De acordo com pesquisas cerca de 47% dos brasileiros consideram que os estrangeiros não ajudam e não acrescentam em nada ao país. Essa aversão aumenta quando as relações estrangeiras são estabelecidas com pessoas oriundas do continente africano. A estigmatização de inferioridade sofrida por africanos é ainda muito presente no território brasileiro, apesar do racismo já ser considerado crime no Brasil e mesmo sendo um país com matriz sociocultural africana, os brasileiros ainda massificam a ideia de que africanos são população inferior.

Existem espaços do país marcados por características culturais, imateriais e materiais semelhantes aos alguns países do continente africano, isto se deve ao inúmeros africanos que aqui chegaram na condição de escravos no período colonial durante o século XVI e XVII e se estabeleceram na capital baiana Salvador e em municípios do recôncavo baiano, como: Santo Amaro, Cachoeira, Maragogipe e São Francisco do Conde.

O município de São Francisco do Conde se destaca por ter atrativos naturais e beleza singular como as quatro ilhas, dentre elas, a maior com 8 quilômetros de extensão – a Ilha de Cajaíba, que abriga um antigo engenho de açúcar e é dona de histórias perversas de seus antigos proprietários. Três Maria antes pertencente à família de Mem de Sá, no Brasil Colônia, a região de São Francisco do Conde abrigou religiosos franciscanos e beneditinos. No que diz respeito aos aspectos materiais, São Francisco do Conde abrigou a primeira escola de agronomia da América Latina, o Imperial Instituto Baiano de Agricultura. Elevada à condição de vila em 1697, a localidade acabou ganhando status de cidade quase 250 anos depois.

São Francisco do Conde esteve envolvida em vários movimentos de emancipação política no Brasil, a exemplo da Revolta dos Alfaiates, da Sabinada e da Independência da Bahia, seu momento de apogeu socioeconômico com o período da cana de açúcar, assim como a maioria das cidades do recôncavo passou um longo período de decadência política e econômica, só elevando a sua economia com a descoberta de petróleo, já no século XX.

De Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) o município tem 31.964 habitantes e a extração e o refino de petróleo representam o setor de produção de maior relevância econômica do município, embora mereçam destaque, também, as atividades agrícolas de plantio de cana de açúcar e banana. O município que apresenta uma das maiores rendas *per capita* do país aparecem mal colocados no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A situação paradoxal é explicada porque a renda *per capita* é resultado matemático simples da receita do município dividida pela população, sem levar em conta a distribuição dessa renda nem estatísticas sociais, como saúde ou educação.

Com a instalação do polo acadêmico da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, em São Francisco do Conde e com a expansão da urbanização, a localidade tornou-se um dos municípios baianos receptores de estudantes de países colonizados por Portugal, Angola, Nova Guiné, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe, sendo estes grupos de imigrantes alvos de muitos ataques de xenofobia. Em novembro de 2014, de acordo com o poder público local, recebeu inúmeras queixas aflitas de estudantes africanos que sofrem comumente agressões morais, físicas e simbólicas.

As relações socioculturais precisam ser resignificadas quando existem práticas de xenofobismo em uma localidade. A resistência e a falta de informação da população local pode ser dissolvida a partir do viés da educação. Enquanto agente transformador das relações sociais é necessário criar estratégias, projetos, práticas de ensino possíveis e que atendam a realidade local para combater e amenizar questões sociais como o xenofobismo. Partindo dessa premissa, objetiva-se com este artigo identificar, caracterizar e analisar as ações educacionais praticadas na escola, do Ensino Fundamental II, o Instituto Municipal Luis Viana Neto, instituição escolar deste município, para amenização do xenofobismo praticado pelos estudantes..

O Instituto Municipal Viana Neto – IMLVN é uma colégio que localiza-se na sede do município e tem mais de 30 anos de existência, já foi um instituto técnico com cursos de enfermagem, contabilidade, Administração e Magistério na década de 80. Hoje oferece ensino de 6º ano 8ª série, com mais de 1.000 alunos e cerca de 90 professores. O colégio

funciona nos três turnos, sendo que no noturno é reservado para Educação de Jovens e Adultos –EJA, atendendo os estudantes da sede e de alguns bairros mais distantes do município, como: São Bento, Campinas, dentre outros locais. Durante esse ano, através de atitudes simples e educativas, a escola vem contribuindo para desmistificar a visão dos seus estudantes contra os africanos e por sua vez tentando combater o xenofobismo nesta localidade, acreditando que os estudantes podem ser um elemento multiplicador social nas suas comunidades para ações menos aversivas contra os estudantes africanos na sociedade franciscana.

A base teórica utilizada neste estudo foi: Candau 2010, Kiguel 2009. A metodologia utilizada é a da intervenção que procura entender o contexto social inserido e através de perguntas e propostas constituindo assim a intervenção, com a finalidade de criar prática a fim de inibir e combater o xenofobismo praticado pelos estudantes do IMLVN.

Assim acredita-se que este estudo é relevante na medida em que busca refletir e conscientizar as pessoas e estudantes sobre ações de xenofobismo, uma questão local e social através de práticas educativas simples, favorecendo e desmistificando práticas preconceituosas e afirmando o papel da educação e seu poder de colaborar para o desenvolvimento social e o fortalecimento cultural.

2 XENOFOBISMO: CONCEITO, CARACTERÍSTICAS E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

A xenofobia pode surgir a partir de informações incabíveis e propagadas sobre um determinado grupo social ou racial. Nesse sentido, a aversão não ocorre por motivo de medo, mas por falta de conhecimento sobre tal assunto. Casos evidentes desse tipo de preconceito ocorrem quando, por exemplo, dizem que o asiático é sujo, que todo muçulmano é terrorista, e os negros não pensam, e assim por diante. Além de conceitos provenientes de tipos de religiões, contra os homossexuais, os ideais políticos são puramente intolerância sem nenhuma justificativa.

Durante a história, a xenofobia existiu desde civilizações clássicas (como o Egito antigo), passou por várias épocas, teve um grande “exemplo” na segunda guerra mundial, com o nazismo e a fobia contra judeus que foi uma das causas para o início da grande guerra. (CANDAUI, 2010, p. 8).

A xenofobia contra muçulmanos, africanos e latinos marca esta forma de preconceito nos dias atuais, principalmente em países desenvolvidos devido a forte fluxo de imigração.

Na América Latina e, particularmente, no Brasil a questão multicultural apresenta uma figuração própria. Nosso continente é um continente construído com uma base cultural muito forte, onde as relações interétnicas têm sido uma constante através de toda a sua história, uma história dolorosa e trágica principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas e afrodescendentes. (CANDAUI, 2010, p.11).

A formação histórica do povo brasileiro ocorreu de forma agressiva contra os índios e afrodescendentes pelos seus apagamentos e escravização, caracterizando assim, o processo de negação do “outro”. Essas práticas de violências contra a minoria não se dão apenas nas atitudes físicas, mas acontecem no imaginário e nas representações sociais quando se tem esses sujeitos como subalternos.

A problemática multicultural nos coloca de modo privilegiado diante dos sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuam hoje afirmando suas identidades e lutando por seus direitos de cidadania plena na sociedade, relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão.(CANDAUI, 2010, p.11).

Atualmente, a xenofobia ocorre principalmente em países desenvolvidos, uma vez que os nativos não querem disputar uma vaga de trabalho com um imigrante. É comum a xenofobia ser relacionada ao preconceito de pessoas oriundas de outros países (especialmente os subdesenvolvidos), raças, culturas, costumes e etc. A xenofobia pode se manifestar também de outra maneira, quando o indivíduo evita o contato com pessoas de características diferentes.

Na Europa há vários casos de xenófobos que agredem imigrantes e até colocam fogo em suas casas. A maioria dos países desenvolvidos teme que a chegada maciça de imigrantes possam provocar o surgimento de problemas sociais (desemprego, criminalidade e na qualidade de vida).Em alguns lugares do mundo, imigrantes europeus sofrem a prática de xenofobia de forma explícita e não há nenhuma forma de combate contra essas atitudes desumanas. Os meios de comunicação, principalmente as mídias, mostram claramente esses atos injustos que agredem a sociedade, marginalizando-os. Podemos ver que os nordestinos são um dos mais afetados por serem estereotipados como negros sujos e feios, ou seja, como se fossem “sub raças”, bem como eles não fossem capazes de produzir algum trabalho, estudar e não tivesse condições de inserir-se na sociedade ou apenas por serem vistos como motivadores da violência.

A desconexão impressiona não somente pelo desconhecimento histórico, mas pela ausência de reflexão e coerência que revela. De forma geral, os imigrantes são pessoas que saem dos seus países para buscar melhores condições de vida. Olhando para os movimentos migratórios mais detidamente ao longo dos séculos, veremos ainda que eles estão intimamente conectados à dominação e exploração presente nos diferentes períodos históricos. A colonização do Brasil além de ter sido levada a cabo por meio do genocídio de muitos povos indígenas, também esteve no centro de outro processo de deslocamento populacional que marcou de sangue a história do Brasil: a escravidão de negros africanos.

O próprio processo de imigração de europeus entre os séculos XIX e XX reproduziu a lógica racista que está presente desde a formação do Brasil. Em diferentes períodos foram selecionados para imigrar ao Brasil, alemães, italianos, japoneses, mas também estes sofreram discriminações em razão de suas culturas e modos de vida diferentes, ou simplesmente por serem estrangeiros. Não são os migrantes os responsáveis por estes sistemas de dominação e exploração; eles (quando são) são responsáveis, isso sim, pelas decisões de sobreviver ou melhorar de vida, e muitas vezes precisam migrar para isso.

Com o passar dos anos, décadas e gerações, esses povos culturalmente diferenciados foram sendo incorporadas ao que era considerado à época como “cultura brasileira”. Assim, ao mito da democracia racial incorporou-se outro: o mito do país formado por imigrantes, onde todos são bem vindos e vivem harmoniosamente. Apesar de revelar algo positivo a presença já consolidada de povos de diversas culturas na sociedade brasileira é uma realidade – este mito apaga a história e também esconde o preconceito e a discriminação que persistem em nossa sociedade, e a chegada atual de imigrantes indígenas e negros vem colocar este debate na mesa através de uma orientação social construída por meio da educação como mecanismo de construção de identidade e de valores .

3 A EDUCAÇÃO NO COMBATE AO XENOFOBISMO

A xenofobia deve ser caracterizada como um medo excessivo e descontrolado diante do diferente, do desconhecido. Esse medo pode ter se desenvolvido após um período de exposição a alguma situação, objeto ou pessoa desconhecida. Ao passar por alguma experiência ruim com o desconhecido, a pessoa pode evitar alguma situação que julga ser

arriscado, o que pode interferir em sua rotina, relacionamentos e atividades sociais, e até mesmo desencadear crises de pânico.

O repúdio a culturas diferentes geralmente traz em sua essência o ódio, a animosidade, o preconceito, embora este possa provir também de outras raízes, como opiniões preconcebidas sobre determinados grupos ou coletividades, por pura falta de informação sobre eles; conflitos ideológicos que envolvem crenças em atrito, causados por um choque conceitual; motivações políticas e outros tantos fatores. É polêmico, porém, em alguns casos, definir se há preconceito ou xenofobia, como no episódio do nazismo. Este fato histórico envolveu grupos e culturas diferentes, violência desenfreada, crimes hediondos, desencadeados por um grupo que se encontrava no poder na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, contra pessoas que eles julgavam diferentes e inferiores. Estes indivíduos não foram apenas mortos, mas torturados, manipulados geneticamente, utilizados como cobaias em experiências terríveis, o que descarta a presença apenas de fatores político-sociais, e dão a este acontecimento um caráter doentio.

Além de ser compreendida como patologia, a xenofobia também possui um caráter social, uma vez que os imigrantes disputam vagas de empregos com os habitantes locais, o que transforma em uma verdadeira ameaça. Esse quadro se complica se considerarmos que a mão de obra estrangeira é mais barata que a local, uma vez que os imigrantes, por serem estrangeiros ilegais, acabam não tendo os mesmos direitos trabalhistas que os demais habitantes.

Com o advento e a difusão da globalização em todo mundo, é cada vez mais frequente a ocorrência de casos de ações xenofóbicas. Com os avanços tecnológicos nos meios de transporte e informação, o fluxo de pessoas se intensificou em todo planeta.

O estranhamento pelo que é diferente é uma reação comum do ser humano, e nas crianças, antes que o ato seja contaminado por juízos de valor negativo, os pais e educadores devem intervir para mostrar que é preciso aceitar as diferenças e conviver em harmonia com elas.

O psiquiatra Telmo Kiguel(2009) cita o exemplo de uma criança de colo, que, por conviver somente com pessoas parecidas com ela, pode se assustar com a presença de uma babá que seja de outra origem étnica. "É natural essa reação. Cabe a mãe introduzir com carinho a presença da profissional para mostrar que a convivência com as diferenças é segura".

Segundo o especialista Kiguel, o bebê reage por medo do que lhe parece diferente. No entanto, se a mãe agir de maneira negativa com essa babá, o filho pode entender que a aparência é a razão da aversão do adulto, originando um preconceito étnico-racial. "Se os pais são discriminadores dificilmente ajudarão os filhos a não ter preconceito. Se não forem, servirão de modelo pela sua conduta e por aquilo que puderem transmitir verbalmente".

Em sua tese pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP sobre inclusão na educação infantil, a doutora em psicologia Marcia Regina Vital escreveu que estranhar o diferente é uma reação baseada no medo de questões inconscientes e reprimida da própria pessoa, que, de alguma forma, ela consegue identificar no outro.

O diferente pode gerar medo, insegurança, amor, rejeição, curiosidade e despertar mecanismos de defesa que, dependendo da intensidade da relação, podem levar à violência. A partir dos três anos, a criança começa a se socializar mais intensamente e tem de aprender a lidar com esses medos e a elaborar seus próprios conceitos, com base na sua carga de conhecimento e em ideias transmitidas pelos pais, amigos e educadores.

"Atitudes, falas e alguns comportamentos dos pais, mesmo sem intenção, induzem à discriminação, pois eles, muitas vezes, interiorizaram o preconceito", afirma Vital, 2009. Dessa maneira, a criança pode ter atitudes preconceituosas que passam despercebidas porque o adulto é indiferente à questão do preconceito ou pelo fato dele próprio discriminar.

Com base nessas informações é que "na escola que se estabelecem interações por longos períodos entre pessoas, credos, costumes, culturas e origens muito distintas, por isso a instituição não pode se furtar ao papel de educadora da igualdade", segundo a pedagoga Lucimar Rosa Dias.

Entende-se a partir de então que as práticas educativas por mais simples que seja deve procurar estabelecer em seus estudantes construções de valores, mesmo sendo uma realidade social tão dura. Vale ressaltar que "não há modelos de ensino, depende, igualmente de habilidades do planejador e do professor" (MIZUKAMI, 1986 p.63). Segundo a autora o professor deve construir seu ensino de forma que procure melhor atingir a aprendizagem; cada educador deve desenvolver, portanto, um estilo próprio de facilitar a aprendizagem do aluno. Contudo foi verificado que existem práticas que despertam uma atitude mais motivadora (ZABALA, 1998) dando assim uma seqüência mais significativa aos alunos.

Segundo Zabala (1998, p. 15), é importante entender que existem diversos fatores que influenciam na aprendizagem. Para ele:

Sabemos muito pouco, sem dúvida, sobre os processos de ensino/aprendizagem, das variáveis que intervêm neles e de como se interrelacionam. Dependem da interação complexa de todos os fatores que se inter-relacionam nas situações de ensino: tipo de atividade metodológica, aspectos materiais da situação, estilo do professor, relações sociais, conteúdos culturais etc.

Sabendo disto acredita-se que a educação ainda pode ser a melhor maneira de amenizar os problemas sociais existentes em determinando espaço contribuindo para a construção de uma sociedade menos desigual e que, além de respeitar, possa conviver com culturas distintas ao mesmo tempo tão próximas.

4 A ESCOLHA METODOLOGICA: PESQUISA INTERVENÇÃO

Optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo por ser um meio de produção de conhecimento que não busca mensurar, medir mas sim compreender e buscar explicações a valores e significados num meio social .

Nesta pesquisa de intervenção o caminho escolhido para geração dos conhecimentos sobre xenofobismo em São Francisco do Conde foi destacado por Moreira (2008) :

- a) A considerações das realidades sociais e cotidianas;
- b) O compromisso ético e político da produção de práticas inovadoras;

Tendo como base tais princípios, este estudo enfatiza algumas características a serem consideradas e apresento fazendo um paralelo com a pesquisa em questão:

Quadro 1 - Etapas metodológicas

Características da Pesquisa Intervenção	Aplicação da Intervenção na Pesquisa
1-Deve acontecer dentro do contexto pesquisado	Instituto Municipal Luiz Viana Neto
2-É desencadeada pela demanda contribuindo para solução de problemas 3-Pesquisador atua como mediador que articula e organiza encontros sistematizando vozes dos sujeitos envolvidos na pesquisa.	Ausência de discussões sobre Xenofobismo; Entrevista, grupo focal, sistematização dos saberes na dissertação;
4-Intervenção: pesquisador e o sujeito de pesquisa; 5-Práticas e experiências contribuem para elaborações teóricas metodológicas.	Entrevista e grupo focal; Elaboração de práticas educativas de mediação contra o xenofobismo.

Sato (2008, p. 173) afirma que a pesquisa de intervenção é uma negociação entre os envolvidos que depende das circunstâncias presentes. Entende-se que essa negociação pode acontecer em momentos inesperados ou através de uma observação ou uma “dica” ou comentário de alguma pessoa da instituição ou do coletivo. Portanto a interação entre os sujeitos da pesquisa é fundamental.

Outra questão importante e relevante é o fato de que como afirma Moreira (2008, p.430) a pesquisa de intervenção só acontecerá quando estiver um problema comum a ser solucionado . No caso em apreço o problema da pesquisa girou em torno de analisar, caracterizar e buscar estratégias educativas para amenizar o xenofobismo no Instituto Municipal Luiz Viana Neto .

A busca de sujeitos que pudessem contribuir com o estudo. Caracterizam-se pesquisador, pesquisado ambos tem um papel ativo no processo da pesquisa. Os profissionais do colégio que participaram diretamente na pesquisa foram alguns professores, diretor e estudantes. Foi possível contar com a participação de 3 profissionais das áreas de Ciências Humanas e a equipe local do projeto municipal existente no colégio, o Educa Chico.

A pesquisa se desenvolveu seguindo as etapas teóricas, grupo focal com alunos, principalmente das turmas de 5ª séries, realizando quatro encontros para a elaboração do artigo final. O grupo focal é uma técnica de coletas de dados originalmente proposto pelo sociólogo Robert Merton com a finalidade de extrair atitudes e respostas para embasamento de estudo realizado com professores e alunos do colégio. Esses instrumentos de pesquisa possibilitaram um aprofundamento das informações e criticidade dos dados .

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

A xenofobia pode surgir a partir de informações imprecisas e generalizadas sobre um determinado grupo social ou racial . Nesse sentido a aversão não ocorre por motivo de medo, mas por falta de informação. Acreditando nesta ideia, a pesquisa buscou informar os alunos para que eles entendam o objetivo e ocupação dos africanos em sua cidade e dessa forma poder combater o xenofobismo em outros ambientes e em outras relações sociais.

È um fato que desde 2014 os estudantes africanos estão se instalando na cidade de São Francisco do Conde para estudar na UNILAB, nas áreas de Letras e Humanidades. As relações sociais são inevitáveis quando qualquer grupo social convive em um local e outro

grupo chega em um determinado espaço. Contudo a população franciscana começou a exercer ideias e atitudes erradas a respeito dos estrangeiros que chegaram no município. Logo após a chegada de uma parte dos africanos, a comunidade local não entendia o objetivo e a proposta de receber os africanos na sua cidade. Daí iniciou-se um processo de aversão com violência simbólica, físicas, moral e social. Ao ser perguntado da receptividade da população, um dos africanos respondeu o seguinte: “Quando cheguei neste município sofre muitos maltratos mentais que não esperava de que ia acontecer comigo um dia tudo vai passar da parte da vida”.

As principais ofensas é o xingamento. Os estudantes africanos são chamados de “macaco, preto feio, burro, fedido, ladrão”. De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Social do município, alguns africanos chegaram a passar por extorsão, foram obrigados a entregar valores em dinheiro para transitar nos bairros onde estão residindo. Após definir o que é xenofobia e cientes de que estavam passando por atos de xenofobia o moçambicano afirmou: “[...] caracteriza o comportamento das pessoas do município de São Francisco do Conde como um ato de xenofobia que tinham conosco desde as nossas chegadas aqui no município. Porque eles nos vê como refugiados, pobres que não tinham nada na vida.”

Em entrevista com os africanos que estão localizados no município é possível perceber as dores e sentimentos causados pela prática da população local aos imigrantes. “Apesar de não termos muitas diferenças na pele, mas mesmo assim não lhe deram o direito de serem ignorantes com a nossa presença”.

As ofensas são cometidas pela população e também pelos estudantes de muitas escolas localizadas na sede da cidade. A aversão ficou evidente e muito mais violenta quando houve um surto das doenças de Zica Virus e Chikungunya. A população leiga propagava a ideia de que os africanos recentemente chegados na cidade teriam trazido e espalhado o surto das doenças, daí perseguições, ofensas, estranhamento chegando ao ponto de alguns estudantes procurarem o poder público local para viabilizar uma forma de amenizar a violência.

Outra situação criada pela população era acusar o poder público local (a prefeitura) em doar dinheiro para que os africanos permanecessem no município, sendo um leigo engano a política de permanência é administrada pelo poder público federal através de bolsas de estudo e permanência sendo oferecida, fiscalizada e mantida única exclusivamente pelo sistema federal. Assim afirma o estudante de Guiné Bissau:

“A população do município majoritariamente são negras. Mas eles que nos rejeita, nunca nos veem de forma igual como seres humanos, nos olha de forma estranha “necessitados” a

maioria pensa que estamos a ganhar cinco mil reais por mês da prefeitura, enquanto que nunca fomos beneficiados com a prefeitura . È sempre nos xingando quando temos a falar nossa língua, mas o nosso objetivo não é ficar aqui quando terminarmos nossos cursos vamos voltar para nossos países.”

Diversas secretarias municipais de turismo, cultura, educação e desenvolvimento social se sensibilizaram e se mobilizaram para criar mecanismos a fim de combater essa questão social e esclarecer que o surto das doenças não estavam associadas aos africanos . Mas como esclarecer, como educar e desmistificar ? Daí que foi necessária uma intervenção educativa para mobilizar, educar e ressignificar os valores de respeito entre a população local para com os africanos . Foi através do Programa Educa Chico, criado através da lei municipal 334/013 que visa atender os alunos do ensino fundamental II do município, incluindo o colégio IMLVN que foi despertado para as questões sobre o xenofobismo na educação. O programa tem a política de beneficiar com valores em dinheiro no final do ano os alunos que tiverem um bom rendimento escolar obtendo pontuação mínima com atividades sociais, culturais e escolares e as notas durante o ano.

Neste ano de 2015 visando também amenizar o problema já de ordem social, o xenofobismo, a coordenação geral do Educa Chico mobilizou as equipes que atuam nas escolas para desmistificar essa abordagem que, no final do ano, em todas as escolas onde se tem o programa teria um evento valendo notas para com os seguintes temas:África, Xenofobismo e Preconceito .

O Programa Municipal Educa Chico, estimulados pela secretarias de educação e de desenvolvimento social despertou para essa temática e sugeriu que as escolas também se mobilizassem para desmistificar e combater o xenofobismo no município que já dura alguns anos,como afirma o entrevistado:“nos primeiros momentos da nossa chegada no município achava desconhecimento da parte das pessoas, mas a gente esta fazendo 2 anos , caracterizo já como xenofobia .”

Já despertados para o tema e em observação com os alunos da escola, as inquietações contribuíram para discutir e esclarecer o tema na instituição de ensino. O contato direto com os alunos em sala , nas escolas, professores e gestores observavam e percebiam as falas dos estudantes referentes aos africanos que eram agressivas de inferiorização.

Em parceria com a gestão, coordenação, professores e equipe local do Educa Chico o Instituto Luiz Viana Neto começou a criar estratégias educativas para combater as atitudes dos alunos. Isto aconteceu durante o período da III eIV unidade escolar e foram associadas

aos conteúdos das disciplinas de história social e história geral, bem como as temáticas sobre o xenofobismo foram discutidas e esclarecidas em encontros informais e periódicos com grupos de alunos das quintas, sextas séries e das acelerações da escola. Vale dizer que as dificuldades de material didático, de recursos e instrumentos metodológicos tornam-se uma realidade constante durante as aulas e encontros com o grupo, muitas vezes a falta de materiais era uma realidade nas atividades desenvolvidas.

Os professores das disciplinas envolvidas História Geral e História Social junto com a equipe local do Educa Chico começou a planejar atividades e discussões sobre a temática em questão alinhando sempre conteúdos com a temática envolvida.

Nas primeiras aulas e encontros com os alunos começou a ser questionado a presença dos africanos no município. Neste momento os alunos falavam mal e falavam que não gostavam da presença dos mesmos. Através de perguntas cruciais como: “se fosse europeu vocês iriam gostar?”, “O que vocês tem em comum com eles?”. Foi definido o conceito de xenofobismo o que é essa palavra tão estranha. Eles não sabiam o que era, mas através de exemplos o mediador, no caso, os professores conseguiram mostrar que muita das atitudes desses alunos eram erradas.

Aos poucos o mediador do encontro conseguia estimular os alunos para entender que as atitudes realizadas por eles eram preconceituosas. Foi observado durante os encontros e aulas que os alunos com a faixa etária menor eram os mais resistentes à aceitação dos africanos e não se identificavam enquanto negros. Em um determinado momento a professora afirmou que uma aluna era negra. Simplesmente ela disse: “Não sou negra não, sou morena, quase branca.”

Os primeiros encontros serviram para diagnosticar o perfil dos alunos e o grau de entendimento sobre a chegada dos africanos. As aulas e encontros posteriores foram utilizadas estratégias e conteúdos da geografia e da história para esclarecer a respeito do continente africano. Os alunos não sabiam que a África se tratava de um continente, não de um país. Através de caixas de tamanhos variados, as mediadoras (as professoras) explicavam o que eram continente, país, estado, município e cidade e aproveitava para alertar que os africanos que estavam em São Francisco do Conde não eram todos angolanos, como os alunos afirmavam que cada um era de países diferentes de Moçambique, Guiné Bissau, Angola e Cabo Verde. Instrumentos como o celular e mapas foram aproveitados neste encontro. O grau de desinformação 75% dos alunos pesquisados não sabiam que a África era um continente.

Segundo a estudante oriunda da África disse “ qualquer um da gente eles chamam de africanos ou angolanos”.

Em entrevista com os alunos das quintas, sextas series e do grupo da aceleração foi possível perceber muitas dúvidas a respeito dos africanos, tais como :

- Por que eles falam o português mais diferente?
- Como eles chegam ?
- Por que não foram para outra cidade ?
- O que é a Unilab ?

Em prol de esclarecer e responder essas questões foram elaboradas atividades de pinturas e cruzadinhas como instrumentos utilizados nos encontros. Para responder as questões culturais a respeito da semelhança entre a língua, foi iniciado o encontro com um levantamento dos conhecimentos prévios a respeito do processo de colonização que aconteceu no Brasil e que também aconteceu nos países de Moçambique, Cabo Verde, Angola e Guiné Bissau. Relacionou-se o processo de colonização com a semelhança da língua entre os brasileiros e os africanos que estão em São Francisco, oriundos desses países. Este encontro foi muito prazeroso, visto que foi possível esclarecer muitas questões e empoderar os alunos sobre a entrada na universidade. Eles não veem a universidade como meio de ancessão cultural, social e econômica não entendem o objetivo da universidade e dos estudos, é necessário estimular os alunos bem como fortalecer estratégias para despertá-lo sobre esses o avanços e dos estudos.

O ultimo encontro foi estimulado para criação de cartazes, poemas, frases de material sobre negro, preconceito e xenofobismo como resultado das atividades e encontros realizados com o grupo de alunos . Caberia ao aluno criar por espontânea vontade o material que seria utilizado no dia do evento denominado de”Talk Show” criado pela Coordenação Geral do Programa Educa Chico em parceria com a Secretaria de Educação que aconteceu no dia 18/11/ 2015 com o objetivo de discutir e apresentar estratégias de combate contra o xenofobismo. Nesse dia houve palestras, apresentações, perguntas e respostas, vídeo a respeito da temática em questão.

O resultado das práticas educativas e de mobilização contra o xenofobismo executadas pela equipe do IMLVN conseguiu estimular os alunos a entender e a amenizar algumas atitudes. Na culminância do empreendimento do evento, o envolvimento deles com a produção dos cartazes sobre o tema, as apresentações a respeito a raça negra, o uso de turbantes foi uma maneira de difundir informação e amenizar as práticas do xenofobismo.

Neste dia a receptividade dos alunos com os estudantes africanos foram maiores, além de ouvir relatos e responder de forma correta questões a respeito do preconceito, racismo, África e xenofobia. O resultado foi positivo, estimulado pelos mediadores. Desta prática de intervenção, os alunos criaram páginas no Facebook para difundir o que foi apreendido para população local.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o conhecimento sobre o xenofobismo foi possível entender que a população ainda precisa compreender o imigrante como elemento das relações sociais de São Francisco do Conde. O processo de desinformação das chegadas e objetivo dos imigrantes no município contribui para a prática de atitudes preconceituosas e ofensivas.

A busca por esclarecimento e desmistificação das ideias erradas acerca dos estudantes africanos foi o propósito deste trabalho de intervenção. Atráves de práticas educativas simples e que condiz com a realidade dos alunos foi possível respeitar e criar espaços para discussão e o aprofundamento do tema. O despertar e os questionamentos sobre o problema do xenofobismo no município foram elucidados pelo poderes públicos através das diferentes secretarias, compreendendo e expondo um problema, muitas vezes silenciados pelo mito da democracia racial que existe nos municípios e estados brasileiros .

A população pouco se identifica e entende os estudantes africanos como seu semelhante tanto historicamente, culturalmente e socialmente, temas trabalhados durante as aulas e encontros com estudantes comprovam isto. Foi notório o estranhamento por parte dos estudantes do ensino fundamental II ao perceber que os países como Guiné Bissau, Angola, Moçambique e Cabo Verde tem extremas semelhanças com a população brasileira.

Vale dizer também que a aprendizagem não foi somente a cerca da temática do xenofobismo, dentro das disciplinas de português, história e geografia foi possível responder a dúvidas sobre conteúdos do currículo obrigatório.

As dificuldades estruturais foram muitas vezes impasses para a realização de atividades práticas como a de pintura, colagem e recorte, falta de material didático para a realização de alguns procedimentos que podem atrair de forma diferenciada o alunado para atingir a proposta de ensino.

Sabe-se que ainda é pouco e precisa-se de algum tempo de construção no ensino e aprofundamento para que realmente se atinja a desconstrução social e o respeito entre raças e semelhantes dentro de uma sociedade ainda colonizada e desinformada, mas já entende-se que a semente para o processo de descolonização social só poderá ser feito através da educação crítica e transformadora .

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria Multiculturalismo e educação desafios para a prática pedagógica. In MOREIRA, Antonio Flávio (orgs) **Multiculturalismo diferença culturais e práticas pedagógicas**. 4ed. Petrópolis RJ Vozes 2010.

DIAS, Lucimar ; REIS, Maria Clareth. **Educação Infantil e Relações Entico raciais e Ciências da Natureza educando para diversidade**. Eduenf ,2012.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Área urbana isolada. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/elementos_representacao.html. Acessado em 01 de embro de 2010.

KIGUEL Telmo 2009 **Psicologia e Xenofobismo** Disponível em www.cartacapital.com.br. Acesso em 30 de nov.2015.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti **Ensino : as abordagens do processo** São Paulo : EPU, 1986

MOREIRA M.I.C. Pesquisa de intervenção : especificidades da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa . In CASTRO L.R de BESSET V.L (Orgs) Pesquisa – intervenção na infância e juventude .

SATO, Leny **Pesquisar e Intervir encontrando o caminho do meio** In: CASTRO L.R de BESSET V.L (Orgs) Pesquisa de intervenção na infância e juventude NAU : Rio de Janeiro 2008.

ZABALA, Antoni **A prática educativa: como ensinar** .Porto Alegre : Artmed, 1998.